

Os anarquistas e a guerra européa

«Ajudando a repelir essa onda da reação, contribuindo para a falencia dos planos do militarismo prussiano, nós procuramos acautelar o futuro, tentamos salvar do naufragio o que das ideias de liberdade puder salvar-se, defendendo o nosso direito de intervir quando, acabada a guerra, se debaterem as novas condições de existência da Europa.» (J. Grave, *Germinal*, 14-2-915).

E' isto que outros exprimem falando das «conquistas da democracia a salvar,» ou do perigo alemão a combater», etc.

Mas os camaradas abstencionistas (se assim os podemos designar) não parece acreditarem nem no valor da democracia nem no perigo alemão. Do valor da democracia, das liberdades politicas, falei no penultimo artigo, chamando a atenção do leitor para o que se passa em cada país e que parece mostrar bem, que nem para os abstencionistas existe a indiferença, que seria a atitude consequente em face dos movimentos politicos, o que nos prova que os regimens não se equivalem.

Sobre o perigo alemão, farei o mesmo: apenas chamar a atenção do leitor para o que tem sido e para o que é a Alemanha.

Estude-se o melhor que se puder este país comparando-o com outros e do estudo resultará a convicção de que não está tudo dito, desde que se desvendam e se analisam as combinações e os falsos patriotismos dos financeiros, de todos os homens do negocio e da politica, pondo ao mesmo tempo em evidencia o antagonismo entre os interesses desta gente e os do proletariado.

*

Sem irmos muito longe, siga-se a evolução politica da Alemanha desde a paz de Westfalia, que é, pode-se dizer, quando se forma o Estado prussiano.

Estude-se a acção politica, administrativa e militar dos soberanos e ministros da Prussia; a forma como, desde Frederico Guilherme, o eleitor de Brandebourg até agora, (com interrupções episódicas que não alteraram a estrutura geral e fundamental do Estado) se disciplinou, se adaptou, se preparou o povo prussiano e o alemão depois, para serem, o mais completamente possível, um organismo, um instrumento manejados á vontade pelos governantes.

Talvez não haja na historia, se exceptuarmos a Igreja Católica, exemplo mais perfeito e, digamos a palavra, mais grandioso da formação e manutenção dum organismo social fundado na gerarquia, na obediencia e na ambição do dominio.

Siga-se com atenção o cui-

gado extremo com que tem sido mantido o funcionamento da maquina administrativa alemã, que fazia a admiração de quantos visitavam o país. Foi essa talvez a maior força da Alemanha para atingir o fim que se propunha. Cada funcionario, uma peça dum grande maquinismo, de cuja critica êle deve abdicar, na convicção absoluta de que é assim que êle contribue melhor para o engrandecimento do todo: do Brandeburgo, depois da Prussia, depois da Confederação Alemã, depois «de tudo que é alemão» e finalmente de todo o mundo, porque todo o mundo deve ser um imenso organismo, uma imensa maquina obedecendo á influencia alemã. Esta concepção mantem-se atravez de todas as vicissitudes, de desastres sofridos, de dificuldades internas e externas: Os Hohenzollern, eleitos de Deus para governarem o primeiro povo, o germanico, devem estender a toda parte o seu dominio para salvação do mundo.

Com as alterações que se quizerem na forma de realisação, dependente da epoca, das circunstancias, do temperamento dos governantes, etc., é esta concepção imperialista, que tem muito de religiosa e de mística — claramente manifestada no actual imperador — que tem sido o fundamento em que tem assentado toda a vida nacional alemã.

Levar todo o alemão a exercer a sua actividade, a sua profissão, tendo sempre em vista a grandeza da Alemanha, foi o metodo empregado para atingir a perfeição nos movimentos da engrenagem.

Desde o soberano ao mais humilde profissional, o que cada um fazia, devia ser com os olhos fitos na Alemanha. O caixeiro viajante, o official do exercito, o professor, o operario, o fabricante, o jornalista, o artista, o agricultor, o marinheiro, o sabio, todos deviam trabalhar para o engrandecimento da Alemanha, convictos de que pertenciam a um povo superior, destinado a dominar os outros, inferiores. *Deutschland uber alles!* «a Alemanha cima de tudo!» destino maravilhoso de grandeza, ao qual tudo se devia sacrificar.

Foi porque todos se convenceram de que assim devia ser, que em todo o alemão se encontrava (com raras excepções) uma parcela, grande ou pequena, desta ideia, quando não era a ideia completa. Por isso foi possível essa preparação guerreira e administrativa que tem assombrado toda a gente com a actual guerra.

Outro aspecto — talvez o mais interessante — desta mentalida-

de, desta psicologia coletiva, unica entre os povos modernos, é-nos dado pela ideia de organização.

Esta, que começara por ser um meio para atingir um fim: a perfeita regularidade nos serviços — impoz-se pela pratica e pelos resultados obtidos, de tal forma, que passou a ser um fim a atingir como expressão de estado de civilização. E' assim que se compreende esta explicação dos intellectuaes alemães, justificando a dominação da Alemanha sobre os outros povos, para bem da civilização: «Estes povos ainda estão no estado individualista, ao passo que a Alemanha atingiu o estado de organização, estado superior, sendo preciso que os outros povos se subordinem a ella para assim poderem civilizar-se.» Até os socialistas cuja organização partidaria, attitude nos congressos, etc., era um reflexo, nada palido, desta mentalidade, se tem mostrado e mostram imperialistas. (O mais recente exemplo disto é-nos dado na *Aurora*, ultimo numero; Imperialismo Socialista).

«A Alemanha é um povo superior, a sua prosperidade o revela; esta é a obra da organização contra o individuo.

O individuo, revelando-se, é a peça da maquina fugindo á sua função e pondo um defeito no funcionamento do organismo E' por consequencia uma inferioridade que deve ser combatida com tanta mais severidade, quanto constitue um perigo. Afastemos esse perigo do mundo, como o afastámos da Alemanha; é a nossa missão. Tanto peor para os que, inferiores, pretendem opôr-se-lhe.» Eis a sintese do nacionalismo alemão.

E' mais uma vez o despotismo, aniquilando o individuo, que pretende impor-se ao mundo; e mais uma vez se tem de lutar contra o despotismo.

Este é que é o grande perigo contido em toda esta guerra, preparada e desencadeada pela Alemanha. Como se lutou e se luta contra Roma, tem que se lutar contra Berlim, e sempre em nome dos direitos do homem que Roma e Berlim, agora espiritualmente aliados, pretendem esmagar.

(Continua)

Emilio Costa.

Junto do general

O partido socialista enviou uma comissão ao chefe do governo a significar-lhe a penuria em que o deixa o recente decreto eleitoral. Deu a comissão o seu recado e em seguida *debateu largamente* com o sr. Pimenta de Castro, varios casos da situação economica do país, acabando por solicitar-lhe uma enfiada de reformas. Foi uma *grande jornada*, não ha duvida. Pode a classe operaria dormir descansada. Os socialistas ve-

Dicionario subversivo

A

(Continuação)

AVAREZA — Amor tão mesquinho pelas riquezas, que aqueles mesmos que adoram o Rei Milhão, desprezam os avarentos.

B

BACHAREL — Falador formado, segundo o dicionario do padre Bacelar. Perdõe a memoria do Reverendo, mas semelhante definição não contém todo o definido. Pois se ha tantos bachareis que são verdadeiros patos-mudos! — Sujeitos algo prognosticos aventam que o *bacharelato* foi o filoxera da monarchia e ha de dar com a republica em vasa-barris. Ora! ora!

BANCARROTA — Achaque muito comum nos governos e nos individuos que tem que dissipar.

BANDEIRA — Distintivo que se tornou objecto de culto para alguns. Intentam esses religiosos levar-nos a dar perante o seu feitiço, sinaes adequados de que morremos de amor pela ideia que ao mesmo ligam. E todo o seu desejo é impulsionar a sociedade para a frente, dizem eles.

BANDEIRA VERMELHA — Tornouse o simbolo revolucionario — diz um escritor — em razão de proclamar «a lei marcial do povo contra os rebeldes do poder executivo».

BARRICADAS — Argumentos usados nas lutas politicas, principalmente pelos franceses. De 1848 a 1871 o seu emprego foi uma industria florescente.

BASTILHA — Instrumento odioso da tirania das classes dominantes, era ao mesmo tempo uma fortaleza, uma prisão e um tumulto... dos fidalgos franceses. Erguia-se no meio das casas do bairro populoso de Paris, á entrada do «faubourg» Santo Antonio. Tomada e destruida pelo povo em 1789, o seu nome passou a designar todo o padrão do despotismo.

BEM DO PAÍS — Carapuça a dentro da qual se movem as ambições dos politicos. Sinónimo de

BEM PUBLICO — Expressão vaga, ambigua, que abre a porta a todas as ambições e a todas as perfidias, ontem em nome do engrandecimento do Poder Rial, hoje em nome do Engrandecimento do Estado.

«BILL» DE INDEMNIDADE — Liquidação de contas ministeriaes, apresentada ao parlamento quando ha certeza de que a maioria as aprova.

BOICOT — Ataque á «burra» do comerciante ou industrial mistificador, tiranico ou recalitrante.

BUFO ou ESPÍÃO — Artigo de consumo, essencial á vida de todos os governos, mesmo democraticos ou radicaes.

(Continua)

Nn.